

ABATALLA



Porta-voz da Organização Operária Portuguesa

É órgão da CONFEDERAÇÃO GERAL do TRABALHO



Nos ergastulos tenebrosos de Angra do Heroísmo prolonga-se até á mais horrível tragédia as violências, e as crueldades que assassinos fardados executam friamente sobre duas centenas de cativos do fascismo homicida. O miseravel tenente Martiniano dispõe da vida e da saúde dos presos cometendo os atropelos mais cristãos e mais canalias; é a devassa constante da correspondencia e haveres, longas horas e intermináveis dias de "poterna," e "caleção," são todas as violências que a perversidade pode engendrar.

A censura responderam os presos com a negação a escreverem ás famílias; mas este gesto desencadeia as maiores violências, e já se prolonga há mais de um mez.

CORJA ASSASSINA! O proletariado exige saber se os nossos camaradas são para satisfazerem a sanha homicida que caracteriza os bandoleiros, que têm como chefe e mestre, Salazar.

Assim o cremos. **TRABALHADORES! MULHERES!** Vibrai com estrondo este grito: **LIBERDADE AOS PRESOS! ASSASSINOS, Para!** Já inudaram de sangue a Historia, agora só nos resta abate-los implacavelmente.

A MENTIRA DA PROPRIEDADE

PRINCIPIOS E OBJECTIVOS DA C.G.T.

A imprensa venal, a soldo dos grupos de libusteiros, que mantêm a situação presente, farta-se de apregoar aos quatro ventos com assombroso descaramento, que vivemos prosperamente em Portugal, acrescentando com cinismo revoltante que até somos invejados pelos países estrangeiros.

A desfazer todas essas patranhas e falsidades temos não só tudo quanto á nossa volta observamos, mas até as declarações feitas na Assembléa Nacional por vários deputados; quando discutiam o projecto para a fixação dos preços de géneros alimentícios. Ali se reconheceu, — o que aliás sabem todos os trabalhadores por experiência própria, — que, a-pesar, de termos finanças *equilibradas*, moeda *valorizada*, e *benefícios* semelhantes, a vida está caríssima, e que o povo se debate numa tremenda miséria.

É que enquanto o custo dos artigos mais indispensáveis sobe vertiginosamente, — tanto como os ordenados dos ministros, que passaram para oito e dez mil escudos mensais, — os salários descem pavorosamente assim como o número dos que têm trabalho. Na Mina de S. Domingos, por exemplo, há operários que ganham de seis a dez escudos diários, ou sejam ao máximo *trezentos* escudos mensais, tendo a seu cargo o sustento de mulher e ás vezes tres filhos.

Entre os trabalhadores rurais, as condições são igualmente alitivas, tendo estes sofrido ultimamente reduções que vão até 50% do seu misérrimo salário. Quanto a habitações, segundo as declarações feitas na Assembléa Nacional só em Lisboa vivem 50000 individuos nesses antros de imundície, a que chamam bairros de lata, e aos quais está vedado o acesso ás casas "economicas," porque estas destinam-se unicamente aos policias de informação e aos ratos de sacristia.

O resultado de toda esta «prosperidade» é o depauperamento das massas populares, como o tem demonstrado a elevadissima percentagem de mancebos dados como incapazes ao serviço militar ou seja para carne de canhão. Apreciando este facto, o tarrufo Vasco Borges escreveu que por uma intensiva e extensiva divulgação da puericul-

continua na 2 página

A emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos próprios trabalhadores.

Ao adoptar esta máxima social a Confederação Geral do Trabalho manifestou o seu desejo de não limitar a sua acção á defesa dos trabalhadores dentro da sociedade presente, mas também de preparar para a conquista, por esforço próprio, da sua libertação integral.

Esta manifestação determinou-lhe consequentemente deveres, ou sejam tactics e métodos, para conseguir esse objectivo.

Aceitando tal doutrina, a central operária portuguesa obriga-se, em primeiro lugar, a negar o seu concurso e apoio a todos os partidos políticos, negros ou rubros, que dizem querer emancipar o proletariado por meio de conquista do poder, visto esta tactica estar em contradição com os seus principios.

E ao renegar todo o seu concurso á politica governamental, — só a ceitando entendimentos momentâneos para a luta na rua, — e nunca para a obtenção de lugares nas câmaras, parlamentos e

continua na 4 página

O ESTADO E O MILITARISMO

O SUCESSO DE „A BATALHA“

Enquanto o fascismo arrigimenta os trabalhadores em sindicatos nacionais, algema-os a condições de trabalho humilhantes, pago por miseráveis salários que equivalem à fome suportada no trabalho exaustivo, e os põe sob a alçada „protetora„ da força armada, disposta a fuzilá-los ao menor protesto, o exército, vê Salazar, no seu sorriso peculiar, beneficiá-lo com o assalto a todos os lugares públicos, garantias materiais portos de honra, monumentais onde a matilha de mastins devora em copiosas libações os 2º/.

O exército, depois de ter sido eriado pelas democracias para a defesa da nação, tornou-se, por consequência, por direito próprio da sua força, mandante da mesma nação; hoje, dirá como Luiz XIV: *o Estado sou eu!*

Depois de sugar o proletariado que sustenta essa caterva arrogante, inútil e que, por cima, nos fusila, passou a exercer um quasi domínio na vida social.

A defesa nacional anda agora badalada na imprensa a soldo, e é objeto dum carinho especial por parte das bordas fascistas. É para eles, de facto um duplo problema: a defesa armada para a guerra, essa guerra que deri-

mirá exclusivamente interesses de grupos capitalistas, e a chamada „ordem publica„ frondosa arvore à sombra da qual se acosta, bem tratada, a malta opressora dos tribunais especiais, guardas de assalto, policia de informação, etc, etc.

A Assembleia Nacional, aprova o plano da defesa nacional. O que equivale isso para os trabalhadores? A sua segurança? Não?

Equivale ao prolongamento do roubo a que o sugela a opressão e os impostos, a sua miséria levada ao extremo. Um projeto governamental para 15 anos, avallado num total 6.500.000 contos, consta da maioria das suas obras benéficas só para o exército, novos barcos de guerra, etc. O Conselho de Defesa Nacional torna-se um verdadeiro Estado, autentico autocrata militarizado.

Todas as actividade sociais ficarão controladas por esse Conselho que as tolerará desde que entenda não afectar a defesa nacional, a casta militar, o país vai-se militarizando; o Estado dominará tudo e com ele o militarismo governará o mundo.

Intelligencia, para quê? Basta um tambor e uma corneta, uma voz de comando e tudo obedecerá.

tura e educação física se poderia conseguir homens fortes física e moralmente. O que não quis pôr dizer. — porque isso seria desfazer todas as intrujices espalhadas com a sua convivência sobre a felicidade do nosso país — é que o debilitamento verificado nos mancebos portugueses é ocasionada pela situação miserável em que vive a classe trabalhadora, auferindo salários irrisórios, que não lhe permite alimentá-los convenientemente, nem alugar uma habitação confortável e higiênica.

E é este o paraíso criado pelo ditador „augusto„ como lhe chamam agora servilmente os seus abjetos bajuladores. A corporação, apregoada como certos elixires pelos charlatões de praça, tem dado já belos resultados mas para os parasitas instalados nos grémios e demais engrenagem burocráticas. como o prova o caso tratado na Assembleia Nacional dum fucionário do Porto, que ga-

nha nada menos do que cinco mil escudos mensais. Alguns deputados não acharam elevado tal ordenado, no entanto, os mesmos que concordam em que um desgraçado que apenas ganha quinhentos escudos mensais ainda deve pagar 2% de imposto profissional e mais 2% para o fundo do desemprego!

Mas que grandes tratantes! Nunca em Portugal o povo se viu em situação tão angustiosa, nem foi tão escarnecido como agora pela cínica e impúdica quadrilha Salazarista. Enquanto o proletariado não puser cobro por meios energicos e violentos as proezas deste bando, proseguirão na sua criminoza obra, troçando das vitimas que ocasionar.

É pois ao povo que compete tomar sem demora a palavra, e pôr termo a este regime de hipocrisia e latrocínio, que impiedosamente o está asfixiando.

Apraz-nos registar mais uma vez o bom acolhimento que tem tido o nosso jornal entre as massas exploradas, e de que é um indicio exacto a facilidade com que tem sido vendido.

Ha localidades que tem pago integralmente e com rapidez todos os exemplares recebidos, e até, como exemplo, citamos uma em que os pagaram mais caros, mandando-nos, vinte e sete escudos em vez de vinte e dois, que devíamos receber

Estas demonstrações regosijam-nos sobremaneira, por provarem que, a-pesar-da campanha derrotista de certos órgãos de partidos aspirante ao poder, que em ligagem demagógica e pretensamente revolucionária, ora afirmaram que a C.G.T. morreu, ora a accusam de enfeudada aos partidos reviralhistas, — isto como iamoz dizendo, regosija-nos por provar que as massas trabalhadoras, desprezando tão vis e repugnantes caluniadores, vêem na Confederação Geral do Trabalho o único organismo que consubstancia as suas aspirações de libertação integral, tanto do *jugo do salariato como da opressão do Estado*, e mostram conhecer que, quando a Central portuguesa entra em entendimentos com outros sectores para uma acção violenta de conjunto fã-lo sempre resalvando absolutamente os seus principios e a sua autonomia.

E é precisamente por ela não se enfeudar a nenhum partido politico-governamental, tanto da direita como da extrema esquerda, que tão desleal e traiçoeiramente é por eles atacada!

PREVENÇÃO

Previne-se a organização em geral que se acautele contra os ex-operários Rodrigues Lopes e um tal Braga, gráfico, ambos do Porto, o primeiro ainda recentemente chefe comunista tripeiro e o segundo também comunista, pois ambos se encontram ao serviço da Policia de Informação da Dytadura.

Segundo nos consta o segundo está em Lisboa, onde conhece muitos camaradas. Um e outro já tinham estado presos e deportados por delittos sociais varias vezes

EM DEFESA DA VERDADE

Ao definir-se a orientação de «A Batalha» antes do seu aparecimento, o C. Confederal da C.G.T. deliberou: considerando que a repressão fascista, sangrentamente atinge igualmente os que pensam de modo adverso às directrizes da C.G.T., as nossas publicações consagrar-se-ão às tarefas da Revolução Social, ao combate à tirania imperante, *evitando ataques a outras fracções, sem prejuizo da nossa exposição e crítica de doutrinas*. Exceptuava-se as calúnias contra nós, como sucede agora e ao que contrariados, vamos responder.

«O Proletário», paladino da «frente unica(?)», volta de novo a caluniar-nos com uma velha delação a proposito duma reunião de «políticos», assistida por delegados da C.G.T. Recordaremos somente que se tratava duma reunião de estudantes, a maioria bolchevistas, que pediam a cooperação da C.G.T. no seu movimento contra as deportações, etc., e á qual também o P. C. fôra convidado. Esta declaração foi mais de uma vez esclarecida, e serviu na altura á policia para imputar culpas a alguns camaradas presos.

Afirma ainda que em 1926, no advento do 28 de Maio, «A Batalha» aconselhava o proletariado á neutralidade. Facilmente se destrói esta infâmia quem ler na nossa colecção «A Batalha», dessa época. Não sucederá, porém, o mesmo acerca do P.C. que colaborando no célebre Comité de defesa Proletária, a mistificação politica de Ramada e José Domingos dos Santos, preparou então a cisão no seio da C.G.T. por esta não se ter enfileirado a esse comité. A C.G.T., a União Anarquista, e «A Batalha», foram as unicas entidades que lançaram o grito contra o fascismo.

A nossa Delegação Confederal do Norte também nos informa que os bolchevistas portuenses contestam que tivesse sido prestada solidariedade por nós a uns camaradas comunistas espanhóis ali refugiados. Dis a delegação: os anarquistas do Porto não só distribuíram dezenas de escudos a aqueles camaradas como ainda conseguiram aloja-los em casas de camaradas nossos, conseguindo-lhes trabalho, etc.

A um dêles que não foi possível colocar, mas que arranjou umas lições, entregou o Conselho Jurídico e a FARP, mensalmente a importancia que lhe faltava para pagar a pensão e quarto, além doutros auxilios materiais.

Infelizmente este camarada foi preso por denuncia dum seu correligionario portuguez. Apesar de ser entregue a êsses camaradas a nossa solidariedade por um bem conhecido camarada anarquista, um conhecido transfuga ousou convencer êsse camarada que êsse dinheiro era do Socorro vermelho.

As restantes calúnias são tão miseraveis que não merecem resposta, porque se contraditorias entre si e as propostas de frente unica desmentem-nas pelo gesto dos caluniadores.

A este proposito recebemos, assinada por alguns militantes presos em consequencia do 18 de Janeiro, um protesto-desmentido ás calúnias daquelle, oportunamente o publicaremos. É um precioso documento que guardamos, para em melh oportunidade fazermos engulir aos detractores as proprias calúnias, e fica a atestar a solidariedade dos militantes que sabem lutar e são presos, por pugnarem pela C.G.T. O C. Confederal

O FERRO NEGA OS SAFANÕES...

O Secretario de Propaganda Nacional publicou num jornal da America do Norte um desmentido contra os maus tratos infligidos aos presos da Fortaleza de S. João Batista, em Angra do Heroismo, e nega a existencia legal da C.G.T., da qual emanou a publicação clandestina dos panfletos que divulgam êsses crimes.

Que a agencia do Ferro negue a existencia legal da C.G.T. só revela a sua parvoice, porque illegal foi sempre; agora que possa negar a sua existencia de facto (o importante no caso) é que não pode fazer. Mas desmente os maus tratos, o homem que nas columnas do «Noticias», clinicamente reproduziu o recado do mestre: «uns simples safanões applicados a tempo...

Mas não negará: continuaremos a revelar êsses crimes, o assassinio premeditado de 200 homens, embora que muito lhe custe.

RESPOSTA Á BASE

O Conselho Jurídico da C.G.T. recebeu do S. Vermelho uma circular propondo uma base de acção comum contra a guerra e o fascismo entre todas as forças anti-fascistas. O Conselho Jurídico e o Comité Confederal resolveram dar a sua resposta de preferencia ao proletariado, á base sempre falada pelos comunistas.

A C.G.T. têm ideas e tacticas revolucionarias proprias, e não aceita colaborar numa frente anti-fascista sem, pelo menos, conhecer de que especie se compõe essa genérica falange anti-fascista. Se o fascismo é a doutrina da personalisação do Estado, anti-fascismo só pode para nós corresponder a anti-Estado. Não é este o anti-fascismo existente, e por isso não deseja colaborar com o anti-fascismo burguez e liberal pela mão «cavalheiresca», do Socorro Vermelho...

A C.G.T. não regateará o seu concurso a toda a luta armada contra o fascismo (prova-o exuberantemente o nosso 18 de Janeiro) mas não prendendo-se a colligações que internamente coartem-lhe a coerencia de suas aspirações revolucionarias anti-estatais-capitalistas, e a forma da nossa propaganda e cultura anti-fascistas.

Estranhando a C.G.T. que nos seja proposta uma frente unica pelo S.V., quando os seus mentores (bolchevistas) neste momento nos accusam na sua imprensa de *traidores, desaparelhados e retrahistas*, exigir-lhe-íamos que, a tratarmos do assunto seria de se retratarem das calúnias—a proposta é por si a sua condenação formal—, porém não estranhámos a incoerencia das bases.

Reclamam o regresso dos deportados ás prisões comarcãs, melhoria das condições prisionais na deportação e nas prisões continentais; isto que é já contraditorio merece do protesto proletario esta formal repulsa, que nós exprimimos neste grito: **Só queremos a libertação dos presos!**

A C.G.T. de acordo ainda á resolução do ultimo congresso da AIT, cujas resoluções os sindicatos operarios aprovaram, aceitará acordos para a luta com todas as organizações sindicais para o objetivo de combater a guerra e

3.º ANO DO CONSORCIO AOS CONSERVEIROS DO PAÍS

Estamos no 3.º ano do funcionamento do Consorcio das conservas e até à data ainda não foram postos em pratica alguns dos decretos então publicados.

Foi em 1933 que elles publicaram, fazendo-se grandes promessas para assim com mais facilidade ludibriarem os trabalhadores. Não passou despercebido aos militantes do Sindicato Unico dos O. da J. de Conservas, pois logo que tiveram conhecimento, levaram a efeito algumas reuniões, mostrando o prejuizo que d'elles adviria; fizeram-se algumas exposições ao governo, mas estas nunca tiveram solução porque não é essa a missão dos governos. Os decretos estabeleciam que: seria prohibido o fabrico de sardinha em conserva durante o periodo de quatro meses anuais, devendo distribuir-se subsidio aos operários, e estes dispensados de comparecer nas fábricas, as mulheres quando no estado de gravidez, 15 dias antes e 15 dias depois, ser-lhe-ia pago o ordenado como se trabalhassem, assim como lhe pagariam as despesas de assistencia ao parto; seriam criadas creches para os filhos dos operários; atendendo à precária situação dos soldados, não mais seria permitida a entrada de maquinas, o que não succedeu como de inicio previamos, pois tudo isto não passou de letra morta.

No primeiro ano ainda foi distribuido o subsidio que nem para o pão chegava; as mulheres ainda lhe prestaram auxilio para a parreira, mas creches não chegaram a ser criadas, e as mães não era permitido amamentarem os filhos, as maquinas continuam a entrar sempre que os industriais quizerem, atraindo para a miséria os camaradas soldados. Em 1934

o fascismo (como o 18 de Janeiro) mas não se solidarisam com qualquer Estado, mesmo a URSS, porque isso, neste momento era pormo-nos ao serviço do imperialismo francês, seu aliado e, a supor pelos resultados do pacto, de Street, a apolarmos o fascismo italiano, e o imperialismo ingles, e por consequencia, a politica guerrilha do salazarismo.

O .C.C. e C.J.S. da C.O.T.

no periodo do defezo, passaram-se algumas semanas e o consorcio não distribuia o subsidio. Os operários vendo a situação aflitiva em que os colocavam, fizeram uma manifestação espontânea indo em massa aos escritorios do consorcio reclamar trabalho; como resposta foi requisitada a policia, que disparou alguns tiros, sendo morto um camarada nosso e dois gravemente feridos; mesmo assim não se retirou, continuando a protestar energeticamente salientando-se as mulheres. Em face desta manifestação, o governo com o fundo do desemprego, autorizou os industriais a darem 3 dias de trabalho aos homens e 2 às mulheres.

Em 1935 as fábricas, como no ano anterior, davam os mesmos 3 dias aos homens e 2 às mulheres, mas faltavam ainda 6 semanas para terminar o defezo e já os industriais diziam que iam suspender por falta de verba. Como os operários reclamassem resolveram dar dia e meio aos homens e um às mulheres mas estas seriam dispensadas de comparecer nas fábricas; novamente as reclamações se fizeram sentir, sendo aumentada a verba, passaram a dar 2 dias e meio aos homens e dia e meio às mulheres, mas estas teriam de comparecer, porque segundo diz o jornal «O-Setubalense» é principio assente pelo governo de que quem não trabalhar não deve receber salario.

Nunca pensamos em imitar a canallia exploradora, pois que as nossas reclamações são sempre a pedir aonde empregar a nossa actividade.

Camaradas: temos sido enganados atravez de todos os tempos e continuaremos a ser, se não reagirmos quanto antes, unido as nossos esforços, e não acreditando jamais nos governos porque este só defendem os interesses do capitalismo, e as nossas reivindicações, só nós próprios as podemos conquistar.

Por isso devemos quanto antes organizar os sindicatos clandestinos, sobre a égide da C.O.T., porque só esta se rege sobre os principios da emancipação dos trabalhadores.

Setubal—Mato, 1935

SAUDAÇÃO

Os presos Sindicalistas Revolucionários e Libertários, pela passagem do 1.º de Maio, saúdam todas as vítimas do fascismo e da Republica Russa.

Abraçam num só abraço todos aquêles que lutam por uma sociedade nova e pelo bem estar da humanidade.

E apelam para todos aquêles que neste momento se encontram afastados da organização Sindical (C.O.T.) e organização anarquista para que voltem à actividade revolucionária, pois não deveis esquecer que duas centenas de camaradas sofrem em Angra de Heroismo as agruras do cativeiro e a feroz perseguição dos esbirros de Salazar. Assim como também em Timor e Ibo se encontram ainda na deportação 150 presos e alguns, deportados há já 10 anos;

Os presos Libertários e Sindicalistas Revolucionários de Peniche e Lisboa.

continuado da primeira pagina
menistérios — a C.O.T. assumiu o compromisso de realizar um trabalho tendente a tornar capaz o proletariado de conseguir a finalidade consubstanciada na máxima que encima estas linhas.

Para este fim terá que o educar revolucionariamente, por meio do livro, do folheto e do jornal, a-fim-de que os seus electivos sejam constituídos por homens livres, dotados de espirito de iniciativa, portanto aptos a fazerem por suas mãos o que lhe diz respeito.

Também terá, evidentemente, que fomentar a criação de núcleos de estudo em cada terra, destinadas a coligir elementos sobre os recursos locais, para, em momentos oportuno, poderem organizar a produção, em harmonia com o interesse de colectividade, fazendo-o da base para o vértice, sem estarem á espera da ordem vindas de cima dos governantes.

E, hoje que as nostes reacções pretendem dar á organização operária, simplesmente, fins de melhoria de situação, proibindo-lhe tudo quanto possa atingir o regime do salariato e os poderes do Estado, têm os militantes da Confederação Geral do Trabalho o dever de lutarem mais intransigentemente do que nunca pela realização do programa atrás esboçado, visto ser este o único caminho que lhes determina a realidade de socialista, sob todos os seus distarces e modalidades.